

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REFLEXÃO À LUZ DE PAULO FREIRE

Dulcinéia de Fátima Ferreira Pereira*

Centro Universitário Padre Anchieta

Membro do LEIE – UNESP – Rio Claro

RESUMO

Neste artigo discutimos sobre a Educação de Jovens e Adultos à luz da Pedagogia Freireana. Ao realizarmos uma leitura da realidade, analisamos o contexto de globalização da exclusão e o modo como a EJA se insere neste quadro de crise de paradigmas. Apontamos a EJA como possibilidade de empoderamento dos jovens e adultos que vêm à sua procura. Defendemos que uma educação dialógica, criativa, coletiva, à luz de Paulo Freire, pode contribuir para que educadores e educandos se reinventem, ao mesmo tempo em que reinventam o mundo. Assim, o educador desempenha um papel fundamental, pois é ele o coordenador do processo, possibilita a escuta e realiza a articulação das idéias; também estimula o pensar crítico, construindo, assim, uma ponte entre o universo vivido pelo educando e o mundo que tem por reinventar. Assim, a EJA é uma possibilidade de ampliação dos campos para a vida se realizar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Paulo Freire. Alfabetização de Jovens e Adultos. Educação bancária. Educação dialógica.

* Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Centro Universitário Padre Anchieta. e-mail: dulceferreira@terra.com.br

EDUCATION OF THE YOUTH AND ADULTS: A REFLECTION BASED ON PAULO FREIRE

ABSTRACT

In this article the Education of the Youth and the Adults has been discussed based on Freire's pedagogy. A reading of the reality has been carried out, within an analysis of the context of exclusion globalization and the way in which EJA is incorporated in the crisis of paradigms. EJA as a possibility of the youth and the adults' empowerment has been pointed out. We believe that a dialogical, creative, collective education based on Paulo Freire can help educators and students reinvent themselves and, at the same time, reinvent the world. Thus, the teacher plays a key role because he is the coordinator of the process, he allows the listening and articulation of ideas as well as encourages critical thinking, building, this way, a bridge between the universe experienced by the student and the world to be reinvented. Therefore, EJA is a possible expansion of fields for life to happen.

Keywords: Youth and Adults Education. Paulo Freire. Youth and Adult Literacy. Bank Education. Dialogical Education.

Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que reinventávamos que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes.

(FREIRE, 2000, p. 19)

Falar sobre Educação de Jovens e Adultos é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade. Desafio, pois, ao nos lançarmos no movimento de transformar em palavra escrita o que temos dito e vivido¹, estamos, na verdade, desafiando-nos a redizer o que já foi dito e a reinventar o vivido. Necessidade, pois, na medida em que escrevemos, vamos dialogando conosco e com os possíveis leitores. Escrever e ler sobre o escrito

¹ Toda discussão aqui apresentada vem molhada das vivências que experienciei durante minha caminhada como educadora de EJA, como formadora de educadores populares, como pesquisadora da UNICAMP e UNESP – Rio Claro e como professora da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos do Centro Universitário Padre Anchieta – Jundiá – SP.

nos possibilita dialogar sobre nossas inquietações, sobre questões silenciadas, sonhos, dificuldades e potencialidades.

O ato de escrever sobre a experiência vivida, sobre a prática profissional, sobre as dúvidas e os dilemas enfrentados, sobre a própria aprendizagem não é uma tarefa simples, pois exige, ao mesmo tempo, tomá-los como objeto de reflexão e documentá-los por escrito. (PRADO; SOLIGO, 2005, p.17).

Falar da Educação de Jovens e Adultos à luz de Freire é também buscar uma emancipação intelectual, pois, ao colocarmos em debate o nosso modo de pensar sobre a EJA, estamos reafirmando o nosso jeito de estar na EJA e no mundo.

Sabemos que dizer a palavra que nasce da prática é correr riscos, sair do “porto seguro”², mas não existe a criação do novo se permanecermos fechados em nós mesmos. Compartilhar o que pensamos e vivemos é ampliar campos de possibilidades para a vida se realizar. Correr riscos é se permitir a novidade, a reinvenção do já dito e do já vivido.

Geralmente as pessoas não estão dispostas a passar pela experiência da incerteza, do desconhecido. Preferem o que lhes é seguro, conhecido, e, assim, muitas vezes acabam perdendo a oportunidade de viver experiências emancipatórias. Tenho observado que somente quando somos tocados e nos sentimos incomodados com alguma situação, ou vivemos uma situação de desconforto, desamparo ou desassossego, é que procuramos sair da nossa posição cômoda, de “espectadores”, e nos lançamos num movimento de procura. Precisamos assumir o medo, o desamparo e a incerteza, correr riscos para criarmos algo novo.

É importante lembrar que “não há criatividade humana, não há produção humana, não há mudança de mundo, sem se correr risco. Não há curiosidade que não seja um permanente estado de risco, como não há criação humana que não seja um permanente correr riscos, uma aventura” (FREIRE, 2004, p. 154).

Assim, em meio à dor e ao prazer, fui vencendo meu medo e aprendendo a viver na incerteza. Fui descobrindo que “nosso conhecimento nasce da dúvida que se alimenta de incertezas” (JUPIASSU, op. cit., p. 14) e que, no processo de descobrir, outras

² Conta a História do Brasil que Pedro Álvares Cabral desembarcou em Porto Seguro, lugar de calma, de tranquilidade e de segurança. Lugar onde as caravelas portuguesas abrigaram-se, ficaram protegidas contra as intempéries do e as borrascas no mar. Verdadeira ou não essa estória, gostaria de utilizar a metáfora do “Porto Seguro” para postular a instauração de uma *pedagogia da incerteza*, da insegurança e da provisoriidade, incapaz de parâmetros dogmáticos e absolutos ou de verdades definitivas. (JUPIASSU, 1983, p. 13).

perguntas vão sendo geradas, pois “nas certezas o conhecimento aquietar-se, porque já não questiona adiante, enquanto na dúvida vive de questionar. (...) A capacidade de questionar e sobretudo de se questionar é a razão de ser mais profunda da ciência” (DEMO, 2000, p. 10).

Ao compartilharmos o que pensamos por meio das palavras escritas, ampliamos os horizontes e a nossa voz. Dialogamos com pessoas distantes, que nem sequer conhecemos, além de continuarmos a “andarilhagem” pelo mundo iniciada por Freire. Escrever um texto é também fazer uma releitura da realidade, denunciando e anunciando, na esperança de criarmos uma outra educação possível³.

Estamos vivendo um período de transição paradigmática. Caminhamos “entre o passado e o futuro” (ARENDRT, 2009); neste transitar pelo mundo, herdamos um modelo de educação que pouco ou nada tem a ver com a vida. As escolas estão bem distantes da vida. No campo de ciência ou da produção do conhecimento, herdamos um modelo racionalista que desvaloriza os saberes da experiência. É como se a verdade e os saberes fossem propriedades, apenas, daqueles que se intitulam como pesquisadores. O saber popular é desvalorizado, e, com a desvalorização dele, reforça-se a desvalorização dos seus produtores. O educando jovem e adulto é produtor da cultura popular, portanto produtor de saberes, nem sempre reconhecidos socialmente.

Falamos da EJA à luz de Freire, pois falamos de uma perspectiva de educação que tem do saber uma visão crítica, que valoriza os saberes da experiência. Valoriza o saber popular sem desvalorizar o saber científico. O ponto de partida e de chegada desta concepção de educação é o ser humano, com suas inquietações e desassossegos. Falamos de pessoas dotadas de potencial criador, portanto capazes não só de ensinar e aprender como também de reinventar o modo de ser e estar no mundo.

Partimos do princípio de que a educação pode contribuir para que educandos, jovens e adultos, possam redescobrir o seu potencial criador, reinventando o seu jeito de ser e estar no mundo. Acreditamos ainda que no processo de aprendizagem da leitura das palavras todos possam também aprender a fazer uma releitura do mundo, necessária na compreensão da realidade e na criação de um outro jeito de viver e conviver.

Ao falar da Educação de Jovens e Adultos, estamos falando da vida, portanto não podemos desconsiderar o contexto em que estamos vivendo. Não podemos nos esquecer

³ Quando falo que uma outra educação é possível, busco inspiração nos Fóruns Sociais Mundiais, que vêm procurando discutir e apontar alternativas possíveis para o contexto em que estamos vivendo.

de que vivemos num mundo globalizado e de que, de um jeito ou de outro, somos influenciados, marcados por esta lógica mundial.

É importante ressaltar que este modelo econômico que detém a hegemonia mundial desvaloriza a vida. Podemos dizer, a partir de Santos (2000), que vivemos as conseqüências das grandes promessas feitas pela modernidade, há, pelo menos, duzentos anos, “que permanecem incumpridas ou o seu cumprimento redundou em efeitos perversos” (p.23). Deparamo-nos com problemas que parecem não ter solução.

No que respeita à promessa da igualdade os países capitalistas avançados, com 21% da população mundial controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e consomem 75% de toda energia produzida. [...] No que respeita à promessa da liberdade, as violações dos direitos humanos em países vivendo formalmente em paz e democracia assumem proporções avassaladoras. [...] No que respeita à promessa da paz perpétua que Kant tão eloquentemente formulou, enquanto no século XVIII morreram 4,4 milhões de pessoas em 68 guerras, no nosso século morreram 99 milhões de pessoas em 237 guerras. Entre o século XVIII e o século XX a população mundial aumentou 3,6 vezes, enquanto os mortos na guerra aumentaram 22,4 vezes. [...] Finalmente, a promessa da dominação da natureza foi cumprida de modo perverso sob a forma de destruição da natureza e da crise ecológica. (SANTOS, 2000, p. 23-24).

O não cumprimento destas promessas se revela na brutalidade da realidade que vivemos. O sofrimento dos povos, a exclusão dos pobres, a fome, a guerra, a destruição da natureza nos tocam e nos causam indignação e inconformismo. A política econômica neoliberal reforça este descaso com a vida e vem deixando marcas e conseqüências cruéis no humano. Globalizaram as informações, as oportunidades, tornaram livre o mercado, abriram frentes de escolhas para os indivíduos, instituíram a regulação do mercado, no entanto poucos são os que se beneficiaram desta política. A maioria da população mundial permanece na exclusão. Segundo Bauman (1999), as regras são para todos, porém as oportunidades são para uma parcela bem pequena.

As classes sociais economicamente desvalorizadas são as que menos se apoderam dos direitos sociais historicamente conquistados pela humanidade. Neste mundo globalizado podemos ver claramente que existe uma pressão muito grande sobre as pessoas. A lógica que se instaurou é a de que para sobreviver neste mundo global

precisamos nos capacitar para competir no mercado. Cada vez mais nos deparamos com novos papéis sociais, novas exigências no campo da formação e das relações de trabalho. É preciso produzir mais em menos tempo a um custo menor; a esta superexploração do ser humano chamam de qualificação profissional.

De acordo com Connell (1996), para uma grande parcela da sociedade economicamente excluída, a escola transformou-se na principal portadora de esperanças de um futuro melhor para a classe trabalhadora.

Na tentativa de encontrar saídas para este modo de viver, muitas pessoas começam a ver no estudo uma possibilidade de criar alternativas para sobreviver neste modelo que procura transformar as pessoas em coisas, em objetos.

A EJA, neste contexto, se transformou num tempo e lugar de cultivar esperanças. Muitas pessoas acreditam que voltar a estudar é uma saída para melhorar a sua condição de vida e de sua família.

Mesmo sabendo que a educação sozinha não transforma o mundo e nem garante melhorias no campo econômico, acreditamos que ela pode contribuir com um movimento de empoderamento dos jovens e adultos que buscam saídas para suas vidas.

A educação não pode jamais ser neutra. Ela tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, da criação de experiências contra-hegemônicas, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável. (PEREIRA, 2006, p. 122).

Na EJA, muitas pessoas que pensam que nada sabem podem vir a saber que sabem muito e podem saber mais. Esta consciência de si e de seu potencial contribui para que ampliem o seu modo de ser e estar no mundo.

A EJA pensada à luz de Paulo Freire atua no campo da valorização dos saberes já apropriados pelos educandos, buscando sua ampliação e a reinvenção do modo de ser e estar no mundo. Atua a serviço da vida, e não da morte. Faz da experiência de ensinar/aprender a ler e escrever um processo educativo em que as pessoas, juntas, se permitam viver um movimento de criação, de construção de sentidos e modos da vida se realizar.

Embora saibamos que o analfabetismo está diretamente relacionado à pobreza e às conseqüências de uma estrutura social e economicamente injusta, muitos jovens e adultos analfabetos sentem-se culpados e envergonhados por se encontrarem nesta

situação. Trazem para si ou para a família um sentimento de culpa pelo fato de não saberem ler e escrever.

Geralmente as pessoas nesta condição social não sabem que o analfabetismo não é um problema individual. Muitos educandos expressam seus sentimentos de impotência sobre o estar analfabeto, também exprimem idéias que reafirmam a responsabilidade individual do analfabeto por sua condição.

Quando eu era pequeno a maioria das crianças não gostava de ir para a escola, meu pai também não forçava muito e ele também não tinha estudo, então ele não tinha noção do quanto é importante o estudo, deixava por minha conta e eu nunca chegava ao final.

A gente tinha muita vergonha de perguntar para a professora quando não sabia, a gente ficava num cantinho quieta e às vezes acabava indo embora sem aprender.

(Depoimentos de educandos)

Vamos nos fazendo no mundo na relação com os outros; assim, as idéias que os educandos têm de si foram interiorizadas durante a vida, são idéias construídas socialmente. Por vivermos em uma sociedade letrada, o valor que se dá à leitura e à escrita acaba por desvalorizar aqueles que não se apropriaram deste saber. Não são poucos os relatos sobre o sentimento negativo sobre si mesmos por não saberem ler e escrever.

Geralmente o analfabeto “costuma ser visto como alguém que é “cego” e que “não sabe nada” (...) é interessante notar que a cegueira, uma deficiência física, é também um estigma, porque indica uma desvantagem ou defeito do seu portador. Aliás, a recorrente comparação entre o analfabetismo e a cegueira é exemplificada por várias frases: “a pessoa analfabeta não enxerga nada”, “a pessoa analfabeta não sabe aonde pisar”, “não sabe andar ou mexer”, “perde mesmo o sentido”. (MARANHÃO, 1994).

Ao se apropriarem destas palavras, portanto destas idéias, os jovens e adultos não percebem que as idéias que carregam foram sendo incorporadas de modo invisível apor meio de discursos preconceituosos, feitos, às vezes, em tom de brincadeira, como: “papagaio velho não aprende a falar”, “pau que nasce torto

morre torto” etc. Muitas vezes, situações vivenciadas como analfabeto, ou experiências nos bancos escolares, contribuíram para que ele se sentisse incapaz.

A EJA, a partir dos princípios freireanos, pode contribuir para que esta idéia possa ser re-significada, pois acreditamos que “ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo” (FREIRE, 1987). No que se refere à escrita, “pode-se considerar que até mesmo aquele indivíduo que, aparentemente, está no “ponto zero” do continuum – o habitualmente classificado como analfabeto, aquele que não sabe ler e escrever – tem algum grau de alfabetismo, bastando para isso que conviva com alguém que saiba ler e escrever” (SOARES, 1994, p. 49). Neste sentido, todos sabem algo, portanto todos podem aprender e ensinar algo.

O fato de não saber ler e escrever não impede o adulto analfabeto de vivenciar e utilizar-se de situações sociais de leitura e escrita. Para sobreviver no mundo letrado, as pessoas que não sabem ler e escrever criam um sistema de representação próprio, para driblar situações que envolvem a leitura e escrita, a fim de não passar por humilhações.

Boa parte de suas vidas já foi vivida; neste período criaram respostas às exigências que a vida lhes fez. Sobreviveram, chegaram até onde estão criando alternativas para driblar a lógica da exclusão, portanto são portadoras de um grande potencial criador. Muitos cantam, recitam ou criam cordéis, bordam, cozinham, constroem, tocam instrumentos, criam versos e prosas. Participam de comunidades ou algum grupo social. Cuidam de sua família, portanto não estão vazios de conhecimentos. São pessoas que sabem sobre muitas coisas. Sabem sobre as experiências vivenciadas, durante todos os anos de vida, se expressaram de forma criativa frente às dificuldades do cotidiano. Venceram barreiras impostas pela sociedade e voltam a estudar.

Ao voltarem a estudar, os jovens e adultos demonstram sua capacidade de resistência, de luta, de não entrega, vêm em busca de saídas para suas vidas. Portas ou janelas? Não importa, o que importa é que ao voltarem a estudar já estão vencendo barreiras impostas socialmente, já estão ampliando o modo de se verem no mundo. Na EJA, os jovens e adultos entram em contato com outras pessoas que vivenciaram experiências muito parecidas. No encontro humano vão trocando palavras, tecendo vínculos e revelando seus saberes, suas “pérolas”, vão se apropriando do poder falar, poder escrever, poder ler, poder criar, poder reinventar-se e reinventar o mundo.

Acreditamos que tomada da palavra é um exercício de poder em qualquer grupo a que pertencemos, ao desenvolvermos nossas relações com as

palavras também estamos desenvolvendo relações de poder, estamos ampliando nosso poder. Por meio das palavras nós construímos os sentidos para vida e re-significamos permanentemente o modo de estar no mundo. (DIAS, 2004, p.7).

A EJA pode ser, ao mesmo tempo, um processo de apropriação da escrita, bem como um movimento de construção de sentidos para a vida se realizar. Neste sentido, é importante que o encontro entre educador e educando seja vivenciado com cuidado e prudência, pois ao iniciar sua participação no grupo de EJA, o jovem e o adulto trazem internalizada uma idéia de escola que nem sempre vai ao encontro do modelo de educação desejada pelo educador.

Segundo Barreto (s.d.), muitas vezes os educandos possuem uma idéia da EJA como um espaço onde o professor ensina o conteúdo e o aluno aprende, o professor fala e o aluno escuta. Possuem interiorizada a visão bancária de educação⁴. Neste modelo de educação, o educando é visto como um recipiente vazio que precisa ser enchido com o conhecimento do professor.

Educação bancária: “faz do processo educativo um acto permanente de depositar conteúdos. Acto no qual o depositante é o ‘educador’ e o depositário é o ‘educando’. A concepção bancária, ao não superar a contradição educador-educando, mas, pelo contrário, ao enfatizá-la, não pode servir senão à ‘domesticação’ do homem. Da não superação dessa contradição decorre que o educador é sempre quem educa; o educando, o que é educado; o educador é quem disciplina; o educando, o disciplinado; o educador é o que fala; o educando, o que escuta; o educador prescreve; o educando, segue a prescrição; o educador escolhe o conteúdo do programa; o educando o recebe na forma de “depósito”; o educador é sempre quem sabe; o educando, o que não sabe; que o educador é o sujeito do processo; o educando, seu objeto”. (FREIRE, 1974, p.14).

A forma como o educador acolhe os educandos no grupo é muito importante, pois a aproximação e a constituição de vínculos podem possibilitar ao educando se permitir viver experiências educativas diferentes daquelas internalizadas por ele. Não existe uma receita para se viver a EJA à luz de Paulo Freire.

⁴ A este respeito, ver FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Cada educador vai descobrindo a sua habilidade para sussurrar ao ouvido de seu educando o convite para fazer da vida uma obra de arte. O gesto de sussurrar demonstra um movimento delicado, que não assusta, cheio de sutilezas, muita manha boa, capaz de fazer o educando se abrir para as novas possibilidades oferecidas pelo vínculo com o educador. (DIAS, 2004, p.7).

Ao conviver com os outros neste espaço de respeito e cuidado, o educando vai revisitando sua história de vida, vai tomando consciência de suas conquistas, seu crescimento e suas potencialidades. Vai percebendo que não está no começo e nem no fim, pois na verdade o conhecimento não possui fim, é um processo que acontece por toda a vida.

Educadores e educandos vão percebendo que, ao se aproximarem uns dos outros, podem experimentar o diálogo, podem abrir uma imensidade de novas trilhas a serem percorridas, pois, já que estamos nesta roda da vida, podemos transformar o encontro com o outro numa possibilidade de criarmos o nosso jeito, o nosso estilo de viver, a partir de relações mais duradouras e vínculos mais significativos.

Cabe a cada um aceitar o convite do encontro, que nada mais é do que sair do eixo habitual – o da certeza, do método, das rotinas – e lançar-se em novas experimentações.

Neste emaranhado de acontecimentos, o educando vai mudando sua visão sobre educação de adultos, vendo-a como um espaço no qual o diálogo entre o ser, estar, poder e saber é uma constante.

A EJA à luz de Freire valoriza a participação de todos. Nesta forma de viver a EJA, cada pessoa tem valor, e o que tem a dizer é importante. Os conteúdos não são tratados de forma mecânica, visando apenas a memorização, mas busca-se a compreensão e a reinvenção dos mesmos por meio dos debates e das relações que se estabelecem entre educador/educando, educando/educando, educando/conhecimento/realidade por meio do diálogo.

Diálogo, aqui, vem no sentido de compartilhar a vida, implica *falar com* e não *falar para* ou *sobre*. *Falar com* implica alguém dizer a sua palavra, compartilhar a sua experiência, dúvida, desejo com o outro, e esse, em diálogo, se põe na posição da escuta, da acolhida, da colaboração.

Conscientes de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.52), o educador desempenha,

neste processo, um papel de fundamental importância, pois é ele o coordenador do processo, é quem possibilita a escuta e realiza a articulação das idéias. É ele, também, que estimula um pensar crítico, construindo, assim, uma ponte entre o universo vivido pelo educando e o mundo que tem por descobrir.

A postura do educador é muito importante neste movimento de reinvenção do modo de estar na EJA, pois, com sua criatividade, inquietação, curiosidade e desejo de ver um mundo mais justo e mais humano, pode despertar no educando potencialidades adormecidas.

Quando o educador se reconhece como um colaborador, dinamizador do processo de reinvenção da EJA, compreende seu papel social; compreende também que não é necessário “encher” o educando com discursos sobre a igualdade na relação educador/educando, pois esta estará presente na forma como se manifesta, atua e se relaciona com os outros e com o mundo. É no reconhecimento do educando como portador de saberes, no respeito à sua autonomia que o educador vai reafirmando que:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção (...) para isso é preciso que desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado. (FREIRE, 1996, p. 25).

É na reflexão de sua prática que o educador vai tomando consciência do seu “inacabamento”⁵, reconhecendo o homem como ser em processo permanente; isto lhe permite perceber-se como um ser também em processo, que detém um saber diferente daqueles trazidos pelos educandos, que possui um universo por conhecer, e é à medida que se relaciona com o outro e com o mundo, que conhece. Assim,

educar e educar-se na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que quase sempre pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1977, p. 25)

⁵ Inacabamento, segundo Freire (1996), é o que está relacionado à consciência de que está em processo, “o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente.” (ibidem, p. 55).

Podemos dizer que o educador que busca reinventar-se a partir da concepção freireana de educação está alguém aberto às novas descobertas, pois fechar-se no que já conhece seria estacionar, parar de crescer, acreditar no finito. Acredita que educando para a “autonomia” (FREIRE, 1996) estará contribuindo para que a educação não seja uma reprodução da sociedade vigente, mas uma possibilidade de se abrirem novas janelas, que iluminem os caminhos tão escuros pelos quais temos caminhado.

Podemos ainda dizer que este educador busca, no seu cotidiano, refletir sobre a prática, para também transformá-la. Possui uma compreensão sobre o seu papel político e muitas vezes reconhece atitudes que estão introjetadas na prática, mas que não condizem com os objetivos desta educação dialógica, transformadora, por isso vive da busca, pois sabe que é preciso reinventar-se a cada dia.

O educador, sendo um participante desta sociedade, não iria ser uma exceção. Traz para a sala de aula o peso ideológico desta sociedade. Ainda que o seu discurso seja democrático, sua prática continua sendo conservadora. A menos que haja uma transformação profunda, uma opção democrática radical, haverá uma oposição visível entre seu discurso e a sua prática. (...) O educador terá que aprender a não ser autoritário, assumindo, praticando para rever-se no seu autoritarismo. Aprenderá isto na prática refletida (práxis) com os alunos. É reconhecer-se como autoritário. Só a partir daí será possível, no exercício de uma prática democrática, superar esta alienação. (BARRETO, 1986, p. 13).

Segundo Freire (1974), sempre que o educador retiver fragmentos da ideologia burguesa, a educação libertadora será impossível. Assim, os educadores, reconhecendo suas contradições e incompletude, procuram reconstruir-se permanentemente. O conflito existente entre a prática e a concepção de educação por eles adotada, ou seja, o conflito teoria X prática, já representa um sinal de superação da consciência ingênua; caminham rumo à uma educação mais dialógica, criativa e coletiva.

A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de

forma cada vez mais metodicamente (sic) do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. (FREIRE, 1996, p. 34).

Segundo Freire (1996), uma das tarefas principais da prática educativa é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. A curiosidade como pergunta realizada verbalmente ou não, como algo que busca respostas, soluções. Assim, para os educadores, cada dia é um exercício de reconstruir sua prática em busca de uma postura mais criativa, dialógica, coletiva e popular.

Por fim, queremos dizer que não temos uma visão ingênua de que a educação de adultos sozinha transformará a sociedade, mas reafirmar a sua capacidade de contribuir com o processo de empoderamento daqueles excluídos socialmente. Ao discutirmos e buscarmos vivenciar a EJA à luz de Paulo Freire, estamos, também, reafirmando os princípios políticos da Educação Popular. “A Educação Popular é a prática educativa, que reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes.” (FREIRE, 1986, p. 28).

É este o compromisso da EJA à luz de Paulo Freire: continuar sendo um espaço de formação, criação, construção, um espaço de encontros humanos, encontro consigo mesmo e com o outro. Possui portas que se abrem para o mundo, que pode ser mais justo, mais humano, mais fraterno. Uma EJA que nos possibilita reinventarmo-nos ao mesmo tempo em que reinventamos o mundo.

Lembramos que “nosso tempo é este hoje em que já se encontra, em gestação, o amanhã. Não um qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidades” (CORTELLA, 1998, p. 53).

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARRETO, José Carlos. *Educação na visão de Paulo Freire*. São Paulo: Vereda - Centro de Estudos em Educação, 1986.
- _____. *Um sonho que não serve ao sonhador*. São Paulo: Vereda - Centro de Estudos em Educação, [s.d].

- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CONNELL, R. W. *Pobreza e Educação*. In: GENTILE, Pablo (org). *Pedagogia da exclusão*. 2. ed. Petropolis: Vozes, 1996.
- CORTELLA, Mário Sergio. A pedagogia da inclusão e a audácia da reinvenção do humano. *Revista de Educação AEC*, São Paulo n.77, p. 51-54, out. 1998.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- DIAS, Romualdo. *Projeto Letraviva*. Campinas: SME/Letraviva, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Uma educação para a liberdade*. Porto, Portugal: Textos Marginais, 1974.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Educação : O sonho possível*. in BRANDÃO, Carlos Rodrigues. et.al. *Educador vida e morte*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 10. ed. São Paulo Paz e Terra, 1996.
- _____. *Política e Educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Pedagogia da Tolerância*. (org.) Ana Maria Araújo Freire, São Paulo: UNESP, 2004.
- MARANHÃO, Helena Ponce. *O analfabeto e a sociedade letrada*. Revista Alfabetização e Cidadania, RAAB, nº1, out/1994.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. *Porque escrever é fazer história*. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.
- PEREIRA, Dulcinéia de F. Ferreira. *Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de reencantar a educação*. 2006. 205 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação , UNICAMP, São Paulo.
- SANTOS, Boaventura Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 2.ed.São Paulo: Cortez, 2000.